

**SOCIABILIDADES EM CORRESPONDÊNCIAS:
A ESCRITA EPISTOLAR COMO ESPAÇO DE
SOCIABILIDADE – O ACERVO DE RAIMUNDO
NONATO.**

Hélia Costa Morais

Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. E-mail:
helinhamorais@live.com

João Maurício Gomes Neto

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGH-UFRN e professor da Universidade Federal de Rondônia/UNIR.
E-mail: joao.mauricio@unir.br

SOCIABILIDADES EM CORRESPONDÊNCIAS: A ESCRITA EPISTOLAR COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE – O ACERVO DE RAIMUNDO NONATO.

SOCIABILITY IN CORRESPONDENCE: WRITING AS EPISTOLARY SOCIABILITY SPACE - THE RAIMUNDO NONATO'S COLLECTION.

Hélia Costa Morais

João Maurício Gomes Neto

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo investigar parte dos registros epistolares enviados ao intelectual Raimundo Nonato, entre os anos de 1972 a 1981, entendendo essa troca de correspondências como uma prática social e cultural integrante de redes de sociabilidades, as quais se utilizavam da cultura escrita para produzir e divulgar *representações de si e do outro*, concernentes ao percurso, a trajetória de vida dos chamados *homens de letras* da região oeste potiguar, envoltos neste pacto epistolar. Busca-se, portanto, investigar e compreender como os hábitos de correspondências se articulavam a um universo amplo de práticas culturais dos sujeitos imersos nessas relações. Por isso, no decorrer deste artigo, tentar-se-á mapear as materialidades do escrito, os lugares e maneiras desses registros epistolares e parte das leituras possíveis de serem realizadas em torno dos mesmos, de forma a atentar para os discursos, práticas e representações comuns a estas correspondências. Ao levar a cabo um estudo das redes de construção de sentido à *cultura letrada* envoltas nesse pacto epistolar, entende-se contribuir para o debate historiográfico que tem buscado problematizar as redes de sociabilidades entre intelectuais.

PALAVRAS-CHAVE:

Sociabilidades, Correspondências, Cultura Letrada, Raimundo Nonato.

ABSTRACT

This article aims to investigate part of the epistolary records sent to the intellectual Raimundo Nonato, between the years 1972-1981, understanding this exchange of correspondence as a social and cultural practice member of sociability networks, which employed the written culture to produce and disseminate representations of itself and other, concerning the route, the path of life of so-called men of letters of western region of Rio Grande do Norte, wrapped in this epistolary pact. One aim, therefore, to investigate and understand how the correspondence habits were articulated to a broad universe of cultural practices of subjects immersed in these relations. Therefore, throughout this article, will be tried to map the materiality of writing, the places and ways of these epistolary records and the possibility of readings to be held around the same in order to attend to the discourses, practices and representations Common to these correspondences. In carrying out a study of the construction of meaning to the literacy wrapped in this epistolary pact is meant to contribute to the historiographical debate that has sought to question the sociability networks among intellectuals.

KEYWORDS:

Sociability, Correspondence, Literate Culture, Raimundo Nonato.

INTRODUÇÃO

[...] é preciso ser sincero e declarar que alguém que porventura se gabe de prenda de se ter feito por si mesmo, está negando a imensa força de relacionamento humano e solidariedade universal que encontramos viva em toda a natureza, a partir até mesmo do ar que respiramos. Em verdade, ninguém é a massa de si mesmo, mas com certeza a argila ocasional a que os sopros alheios vão dando vida e rumo. [...] A glória que porventura haja na obra que realizei pertence a tantos que pouco sobra para mim. [...] Seria um furto atribuí-la toda a meu labor pessoal (BRITO, 1987, p. 19-20).¹

A escrita é um instrumento de organização e comunicação social capaz de produzir e reproduzir conhecimentos, costumes e valores que são transmitidos por meio de e em sua função. Configurando-se como um modelo cultural de conhecimento social e intelectual, cujo surgimento corroborou para mudanças nas formas de relacionamentos, expressões e representações sociais e culturais. A escrita tem transformado a mente e a sociedade ao longo da História, atuando como elemento fundamental no desenvolvimento intelectual, linguístico e social na história da humanidade (OLSON, 1997, p. 268).

Entre os séculos XVI e XVII, com o desenvolvimento da cultura escrita, a carta ganhou espaço como instrumento de grande importância em termos de comunicação social. Com o crescimento da alfabetização na Época Moderna se deu uma maior produção e reprodução social da correspondência escrita. No entanto, foi somente durante o século XIX que a escrita epistolar ganhou espaço em toda a vida social, tornando-se imprescindível para a vida em sociedade, uma vez que auxiliava na dinâmica comunicacional e na disseminação de informações entre os diversos sujeitos sociais.

O presente artigo tem por objetivo tratar das correspondências² enviadas a Raimundo Nonato³, entre os anos de 1972 a 1981, por alguns dos mais importantes letrados do estado do Rio Grande do Norte, grupo do qual fazia parte e com o qual mantinha intensa troca de missivas. Aqui nos ateremos especialmente às cartas do jornalista Lauro da Escóssia, do advogado José Augusto Rodrigues e do historiador e folclorista potiguar Câmara Cascudo. A razão da escolha de tais epístolas se fez considerando a proximidade de ambos com

¹ Discurso proferido por Raimundo Nonato em agradecimento às homenagens prestadas em comemoração aos seus 80 anos.

² As correspondências apresentadas ao longo desse trabalho foram transcritas obedecendo às correspondências originais. Portanto, preservando as expressões e a grafia do seu período de escrita.

³ Nascido em 18 de agosto de 1907, na cidade de Martins-RN, mudou-se para a cidade de Mossoró durante a seca de 1919 seguindo uma leva de retirantes, em Mossoró, ingressou na Escola Normal de onde saiu professor em 1925; Em 1955, formou-se em Direito pela Universidade de Alagoas, foi nomeado juiz da comarca de Apodi, em cuja função se aposentou; A partir de 1951, dedicou-se à escrita, publicando mais de 80 livros, entre os quais, destacam-se obras nos campos da memória, história, literatura, etnografia, folclore, romance, crônica, etc.

Raimundo Nonato, tanto intelectualmente quanto afetivamente; bem como o próprio teor das epístolas, nas quais são conotados pontos esclarecedores no que tange à discussão aqui proposta.

A discussão aqui pretendida apresenta algumas dificuldades de complementação, uma vez que só dispomos das correspondências recebidas por Raimundo Nonato. Qual seja, não tivemos acesso às missivas por ele escritas, ainda que por vezes o contexto das cartas que recebe nos ajude a imaginar e nos aproximar do conteúdo delas. Algumas de suas respostas podem ser observadas em muitas de suas próprias obras, nas quais ele insere algumas de suas correspondências. No entanto, não é sabida a existência de uma publicação que conste exclusivamente com suas epístolas enviadas; ao contrário das epístolas recebidas por ele, uma vez que estas, seus próprios correspondentes se encarregaram de publicar.

A CULTURA ESCRITA E AS PRÁTICAS EPISTOLARES: CORRESPONDÊNCIAS DESTINADAS A RAIMUNDO NONATO (1972 A 1981)

Esse processo de construção da imagem pública de determinados intelectuais por meio da publicização e publicação de suas correspondências, cujo caráter geralmente é privado e pessoal, nos parece um caminho bastante interessante para trilhar tanto as representações de *si*, ensejadas nessas cartas; quanto as sociabilidades construídas por meio delas: são documentos privados que tornados públicos, mapeiam e dão conta de como na esfera do privado os sujeitos constroem sociabilidades que os colocam em papel de relevo no espaço público, notadamente por meio da opinião publicada.⁴

O objetivo de investigar as correspondências recebidas por Raimundo Nonato é compreender parcela das práticas sociais e culturais então estabelecidas através dos escritos trocados entre ele e os sujeitos com os quais se comunicava por meio de cartas. Pois “a escrita epistolar é tomada aqui como modo de realização da cultura escrita. [...] Busca também entender como as práticas de correspondência se articulam a um universo mais amplo de práticas culturais” (GASTAUD, 2009, p.12). Por isso, ao longo deste artigo, buscaremos

⁴ Ainda que não seja matéria discutida neste artigo, entendemos haver distinções importantes entre a chamada opinião pública e opinião publicada, posto que devido a uma série de questões, nas quais se incluem certamente a (im)possibilidade de acesso, os interesses envolvidos, a linha editorial dos *médias*, questões de ordem econômica – a exemplo do interesses de determinados grupos ou corporações, que fazem valer suas leituras de mundo por meio da divulgação de determinadas ideias e do silenciamento daquelas que se contrapõem a tal -, nem sempre a opinião publicada reflete o sentimento da opinião pública, sobretudo quando se trata de imprensa e operações midiáticas submetidas a interesses vários, os quais não raro, caminham em sentido contrário ao interesse público.

mapear as materialidades do escrito, os lugares, as maneiras das escritas e as leituras em torno das mesmas, de maneira a atentar para os discursos, práticas e representações em torno destas correspondências. Pois, como alerta Gastaud:

[...] O que importa não é conhecer a vida cotidiana, possível de vislumbrar nas cartas, por mais interessante que esta possa ser, mas perceber e explicitar as práticas que as ensejam, as condições de enunciação que presidem sua escritura, as sociabilidades que as sustentam e são por elas sustentadas, bem como os artefatos culturais a elas relacionados (2009, p. 11).

Entende-se aqui, que os discursos sistematizam o funcionamento de uma sociedade, assim como as práticas evidenciam a cultura material envolta no processo de escritura e as representações dizem respeito aos diversos tipos de imagens que esses sujeitos constroem através da cultura escrita. Portanto, em torno dessa tríade – discursos, práticas e representações – aqui pensadas a respeito da troca de correspondências entre Nonato e seus pares, consideramos que, a exemplo do que afirma Gastaud, “há um conjunto de relações sociais, sociabilidades com interdições e permissões, usos e modos que afetam uma sociedade que escreve e lê cartas com capacidades e habilidades diferentes, que afeta também os que não leem e/ou não escrevem” (2009, p. 14-15). Sobre essas práticas e representações através da escrita, Chartier alerta:

Identificar os efeitos de sentido produzidos pelas formas, sejam elas do escrito, do impresso ou da voz, é uma necessidade para compreender, em sua historicidade, e em suas diferenças, os usos e as apropriações dos quais os textos, literários ou não, foram objeto (2002, p. 271).

As cartas são impregnadas pelas concepções do missivista que as delineiam, tratando-se do ato de transmitir dadas informações a outras pessoas, não sendo, portanto, uma tarefa neutra, onde “o modelo de uma razão produtora escreve-se sobre o não lugar da folha de papel” (CERTEAU, 1994, p. 225). Para Certeau (1994), a arte de escrever consiste em produzir um texto que tem poder sobre um exterior do qual havia sido isolado antecipadamente. Trata-se de uma atividade capaz de revelar muito do contexto cultural e social no qual a escrita se dá. Sobre a utilização da escrita e as formas de representações através das páginas utilizadas por ela, observemos a assertiva abaixo:

O laboratório da escritura tem como função ‘estratégica’: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o mundo e transformá-lo. A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um ‘recebido’, o que sai dela é um ‘produto’. As coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas de seu poder de fabricar objetos. [...] A empresa

escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe de seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior (CERTEAU, 1994, p. 226).

Sendo assim, o mosaico que compõe a escrita epistolar forma-se através de um repertório de diferentes palavras, modelos, gestos, conceitos e costumes que expressam o mundo exterior ao qual se remetem. Por isso, o estudo epistolar deve levar em conta tanto os correspondentes e as correspondências; quanto o exterior sobre o qual versam. Isto porque a materialidade da escritura se estabelece conforme a leitura que se faz dela, uma vez que esta pode expressar determinadas convicções sobre seus interlocutores, sejam elas sociais, econômicas, políticas, etc. Segundo afirma Lucia Villela (GASTAUD apud VILLELA, 1967, p. 260), “uma carta é quase que o retrato de uma pessoa”. Ou como completa Camargo, que diz que escrever uma carta “é um projeto que se realiza, uma intenção que se materializa na escrita, nas regularidades de um gênero – cartas - na cultura” (GASTAUD apud CAMARGO, 2000, p. 41).

No caso das correspondências de Nonato, pode-se dizer que estas nos revelam relacionamentos, sociabilidades, familiaridades, “[...] datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e no espaço” (GASTAUD apud IONTA, 2004, p. 19). Desse modo, nos abrem possibilidades de apreender e compreender através da materialidade das epístolas endereçadas a ele, parte das relações que marcaram as práticas culturais e sociais envoltas em seu período de produção e veiculação. Qual seja, envoltas no próprio pacto epistolar⁵, uma vez que “a escrita epistolar é [...] uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidades privilegiado para o estreitamento (ou rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos” (GASTAUD apud GOMES, 2004, p. 19). A guia de reflexão, observemos os trechos que se seguem de cartas enviadas por Lauro da Escóssia⁶ a Raimundo Nonato:

[...] Raimundo, tudo aqui vai decorrendo dentro do normal, mesmo alguma ocorrência fúnebre registrada. Não sei se já lhe informei da morte de Tião Durão (Sebastião Dias Bezerra), um modesto pedreiro das bandas do bairro Doze Anos, cujo maior mérito em vida foi o de se fazer um dos mais abnegados amantes dos desportos, tendo levado toda sua existência em organizar quadros de futebol,

⁵ O pacto epistolar diz respeito ao “receber, ler, responder e guardar cartas” (GASTAUD apud GOMES, 2004, p. 19).

⁶ Lauro da Escóssia formou-se professor na Escola Normal de Mossoró no ano de 1925, na mesma turma que Nonato, lugar onde se originou uma grande amizade consolidada com o passar dos anos. Lauro é considerado um dos grandes nomes do jornalismo mossoroense.

preparar campos de desportos, principalmente quando esta prática começava a arrefecer em nosso meio. Era sogro de Loulinha Aires, o velho Loula do Humaitá.⁷ [...] Vai aí para você uma série de notícias. O petróleo é nosso. Só falta jorrar. A Petrobrás cavou 388 metros de chão a dentro naquele poço do Hotel Thermas que estava soltando um fiozinho do ouro preto, inutilizando uma de suas piscinas e encontrou o tal lençol. Vai continuar a sondagem até 1100 metros para encontrar o cristalino e aí dirá se o mesmo é explorável, isto é negociável. Caso se positive, adeus Hotel, adeus Abolição II, pois a Empresa (Petrobrás) indenizará tudo. Agora as mortes da cidade: faleceu D. Terezinha Vasconcelos, esposa do nosso amigo Francisquinho Vasconcelos. Morte bruta, jantou e se sentiu aborrecida. Foi levada as pressas ao Hospital e antes de ali entrar, estava morta. [...] De futebol, você já sabe: nosso representante, o Potiguar, está fora, ontem cavou sua sepultura, perdendo para um time de Sergipe por 3x0.⁸

[...] O inverno está vasqueiro. Dias chove, outros não. As notícias do Piauí e do Ceará são boas. Também das demais regiões do Estado. Já foram registradas aqui pelo Estado chuvas de 120 milímetros, avalie você se uma chuva dessa fosse no Patú ao tempo do pluviômetro do pai do Senador Chico Rocha. Dava para anunciar mais de 400 milímetros. É que o seu pluviômetro era adicionado a uma folha de mamão, apanhando todo pingo d'água. A temporada do Tibau está em seu auge. Muita gente na praia e muita cana aos domingos. [...] O prefeito João Newton designou nomes de ruas e avenidas de novo conjunto residencial no planalto 13 de maio. O nome de Walter foi dado a uma avenida. Outras 43 ruas receberam nomes de conhecidos, já falecidos: Jeremias Cego, Saruê, etc. etc.⁹

É possível notar através desses trechos o detalhamento de alguns fatos correntes no período da escrita da carta. A escrita de Lauro da Escóssia é carregada por um teor informativo que indica a familiaridade de Nonato com os assuntos apresentados por ele, fruto de uma comunicação constante e ativa e da própria vivência do destinatário da correspondência naquela espacialidade.

As notícias referentes à descoberta do poço de petróleo e suas possíveis consequências urbanísticas à cidade; as mortes ocorridas recentemente; as notícias sobre o futebol local; informações sobre o clima; sobre a vida social e cultural, etc.; proporcionam ao destinatário uma aproximação familiar e corriqueira dos fatos que marcam a vida e vivência da cidade; e ao leitor, que posteriormente percorrerá essas notícias marcadas pela distância dos anos, vislumbrará os contornos do contexto de produção daquela escrita, numa socialização e ritualização da vida cotidiana mossoroense. Lauro escreve:

[...] Aqui pela nossa Mossoró nada de novidade. Apenas a repercussão da morte do Senador Jessé e a ascensão do Zezito de Umarizal que agora é Senador da República. O Paulo Abílio deve estar exultante com a posição agora alcançada pelo Zezito. Afinal de contas ele é um bom rapaz e pode fazer alguma cousa por este oeste esquecido dos poderes públicos.¹⁰

⁷ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 25 de agosto de 1979, Mossoró.

⁸ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 28 de outubro de 1979, Mossoró.

⁹ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 29 de janeiro de 1981, Mossoró.

¹⁰ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 20 de outubro de 1980, Mossoró.

A política também era um tema que se fazia bastante presente nas cartas destes homens. Quando afirma “este oeste esquecido dos poderes públicos”, nota-se o pensamento que eles traziam consigo em relação à atenção dada pelo poder público ao oeste potiguar. Ou ainda, certa negação ou questionamento das relações de poder tais como estavam dadas e distribuídas no estado. E ao fazê-lo, mapeia, circunscreve, delimita, verbaliza seu lugar de fala. Em outra carta enviada em uma temporalidade diferente e por outro homem de letra, o assunto política também é colocado em pauta. Desta vez é José Augusto¹¹ quem escreve a Nonato:

[...] O inverno, rigoroso, empurrou os políticos para assunto de plano secundário. Parece até mesmo que não existe o menor interesse político aqui no RGN. Não se fala mais em candidaturas. Fala-se, sim, em arrombamento de açudes, estradas cortadas, várzeas alagadas, famílias desabrigadas, safras perdidas. É o belo-horrível. É o outro lado da abundância.¹²

É interessante também, perceber a maneira como as mudanças no contexto social são encaradas e se expressam através das cartas aos amigos distantes¹³. É como se aqueles que compartilhavam das lembranças de uma época que parece ter mudado, fossem capazes de entender, com o mesmo pesar, o rompimento com certas tradições, neste caso, tradições ligadas à cidade de Mossoró. Na carta abaixo, Lauro da Escóssia lamenta-se da ausência de comemorações na passagem do “13 de junho”, data em que a cidade deveria comemorar a resistência ao bando de Lampião, episódio que para os mossoroenses se configura como um dos maiores orgulhos da História da cidade¹⁴. Lauro escreve:

[...] Nada de anormal, fora a seca, acontecido por aqui. O dia 13 de junho (data de Lampião), passou sem nenhuma comemoração na cidade. Nem mesmo a imprensa e as emissoras de rádio se ocuparam da passagem de mais um ano da resistência dos mossoroenses ao ataque do terrível bandido. A tradição vai morrendo, devendo ficar apenas na nossa lembrança. Até mesmo os festejos juninos, de que pouco se fala.¹⁵

A compreensão aqui almejada, em torno das correspondências enviadas a Nonato, permite inferir que existia um vínculo demasiado próximo entre os sujeitos envolvidos neste

¹¹ Advogado conceituado, militante no fórum de Natal, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, com quem Raimundo Nonato estabelecia uma intensa troca missiva.

¹² Carta enviada por José Augusto Rodrigues, de 18 de abril de 1974, Natal.

¹³ Aqui, é válido salientar que ao longo do contexto retratado nas cartas, entre os anos de 1972 a 1981, Nonato residia na capital do Rio de Janeiro, ou seja, escrevia a partir de um lugar distante, sobre um lugar que já não existia mais, sobre tempos e lugares que habitavam mais a fluidez de sua memória saudosa do que o mundo que se fazia presente aos seus olhos.

¹⁴ O próprio Raimundo Nonato colaborou com uma das obras mais enriquecedoras sobre este fato ocorrido na História de Mossoró. Seu livro, “*Lampião em Mossoró*” publicado pela primeira vez em 1956, tornou-se um dos livros mais emblemáticos sobre o ataque do bando de Lampião à cidade de Mossoró.

¹⁵ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 18 de junho de 1980, Mossoró.

pacto epistolar, de modo que não eram vínculos que se limitavam a estabelecer correspondências “formais”, a respeito exclusivamente de informações sobre o contexto político e social, por exemplo. Entende-se que suas relações consistiam, sobretudo, em sociabilidades afetivas, pois se tratava de amigos distantes em amizades construídas desde antanho, que compartilhavam ideias e interesses geralmente convergentes, e que se utilizavam desse expediente para escrever inúmeras publicações que davam conta de como olhavam e percebiam sua época, utilizando-se de preceitos próprios que eram legitimados por eles nos comentários produzidos um sobre a obra do outro.

A prática epistolar se fez, portanto, imprescindível para o desenvolvimento de uma rede de sociabilidades entre esses homens que estavam espacialmente distantes; porém, intimamente ligados através dos pensamentos expressos nas linhas e entrelinhas de suas cartas. Dar conta do cotidiano, das pessoas, dos eventos e fatos ocorridos, era muito positivamente uma forma de dar guarida aos laços afetivos, a sensação de pertencimento, a presença na ausência, a manter afetiva e efetiva as redes de sociabilidades, de maneira que um não se tornasse estranho – ou estrangeiro – ao outro.

RAIMUNDO NONATO E AS REDES DE SOCIABILIDADES.

Iniciamos as discussões aqui pretendidas, apropriando-nos de parte das considerações de Norbert Elias (2001), presentes em *A Sociedade de Corte*, em cuja obra procurou compreender sociologicamente a realeza e a aristocracia francesa na corte de Luís XIV, refletindo não somente a respeito da ação particular de um rei, mas procurando por em tela a função desempenhada por ele a despeito da coletividade que o cercava e principalmente, os códigos construídos e ensinados nas relações de poder estabelecidas entre súditos e realeza.

Do mesmo modo que ao analisar a figura do príncipe, procurou refletir sobre a rede de pressões a qual ele estava submetido e não somente sobre sua ação propriamente dita, sua abordagem preocupava-se em perceber e compreender a sociedade na qual os indivíduos estavam inseridos e os elementos que a compunha. Centrando sua discussão nas redes de sociabilidades que marcavam as relações sociais entre esses indivíduos, levou em consideração a dinâmica própria de cada configuração social, uma vez que esta é responsável por realidades bem específicas, nas quais os indivíduos concebem contextos e desenvolvem relações bastante singulares, passíveis de investigações conforme as impressões e registros que legam sobre seu tempo e sociedade.

Aqui, propomo-nos estabelecer um esquema de compreensão espelhado no de Elias, visando apreender as relações e os laços de sociabilidades instituídos por Raimundo Nonato com o grupo intelectual ao qual era intimamente ligado, a fim de perceber de que modo estas relações interferiram/contribuíram com a sua escrita sobre o Oeste Potiguar. Não se ignora, de forma alguma, o contexto, a sociedade e a especificidade do objeto de pesquisa cuja investigação foi levada a cabo pelo Norbert Elias. Todavia, entende-se que ao fazê-lo, não construiu apenas uma obra bastante consistente para pensar aquelas relações. Colocou em evidência também um modo de fazer que resguarda as devidas proporções, nos permite apropriarmo-nos de caminhos metodológicos por ele percorridos, de forma que nos possibilita investigar e compreender também o lugar que ocupam as relações de poder nas sociabilidades ensejadas por Raimundo Nonato e seus correspondentes.

O intuito é compreender as orientações que se fizeram presentes na conjuntura coletiva que cerca a sua escrita, procurando pensar até que ponto as suas intenções individuais deixaram de ser preponderantes, em detrimento das intenções conferidas por essa conjuntura externa que o circundava. Ou ainda, os pontos de encontro entre uma e outra, posto que essas nem sempre sejam autoexcludentes. Considera-se assim, que é preciso entender o objeto de estudo a partir da formação social que pode qualificá-lo, como afirma Elias, visto que “a relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência” (ELIAS, 1994, p. 25).

A sociedade é aqui compreendida como construção de uma rede de relações enquanto centro de sociabilidade, responsável por certa tensão entre os grupos que a engendra, a exemplo do que, descreve Elias, visto que “cada um se distinguindo do outro, todos em conjunto se distinguindo das pessoas estranhas ao grupo, cada um e todos em conjunto se administrando a prova do valor absoluto de sua existência” (ELIAS, 2001, p. 98).

Com isso, alarga-se o campo de conhecimento e as possibilidades de compreensão a respeito dos debates e embates ensejados na arena social, bem como investiga o papel e o lugar dos sujeitos a ela pertencentes, a fim de perceber de maneira mais abrangente, seu universo de sociabilidades e os simbolismos inseridos neste processo de formação social.

Raimundo Nonato aproximou-se dos principais homens ligados às letras do Estado, e de menino analfabeto do interior de Martins, passou a ser reconhecido como um dos

maiores representantes da cultura regional¹⁶. A incursão de Raimundo Nonato ao mundo das letras deu-se, provavelmente aos 15 anos de idade, com o seu ingresso na Escola Normal de Mossoró em 1922¹⁷, onde pôde se socializar com os principais membros da elite do oeste potiguar. Àquela época, a educação pública, pela própria lógica funcional excludente que assumia então, era reservada aos possuidores de certo recurso financeiro, algo bem distante da realidade de Nonato. Não será sem motivos, portanto, que se esforçou bastante para manter os laços criados dentro desta instituição, considerando que estes farão parte de um processo que diz respeito à sua construção como sujeito notável.

No registro de suas impressões sobre a Escola Normal, Raimundo Nunes¹⁸, escreveu a apresentação de *Memórias de um retirante* (1987)¹⁹:

A criação da Escola Normal Primária de Mossoró despertou entusiasmo novo, no cenário da instrução. Homens responsáveis pelo destino administrativo, econômico e social da grande cidade interiorana, se entrosam com os educadores, na missão comum de arrebatar alunos, robustecendo a matrícula, na instituição nascente. Comissão composta das figuras mais representativas percorre ruas e bairros residenciais, fazendo apologia da Escola e estimulando os pais a prestigiarem o estabelecimento de ensino, encaminhando os filhos, na jornada educacional que se inaugura. Não visitaram, naturalmente, a residência de Raimundo Nonato, nem tão pouco, poderiam fazê-lo, porque ela não existia. Seu mundo, agora era a bodega de Virgílio Barboza, no mercado público, onde ganhava o pão de cada dia, amassado na persistência de 10 horas de trabalho (NONATO, 1987, p. 9).

O lugar até então ocupado pelo o outro Raimundo, o Nonato, e, por conseguinte, pela família dele, não o habilitava, conforme nos faz perceber a narrativa de Nunes, a tomar parte no público que frequentaria tal instituição de ensino. Ele ainda estava fora das relações de poder, das redes de sociabilidades que direcionadas a instrução de *homens responsáveis pelo destino administrativo, econômico e social da grande cidade interiorana*, definia nesta espacialidade os públicos cujos perfis se adequariam a missão daquela escola.

Porém, o seu “despertar” para as letras se deu um pouco antes, mesmo fora da escola, por volta do ano de 1920, quando passou a se socializar com os moleques com os

¹⁶ A exemplo do que pondera Albuquerque Jr. (2011), a região não deixa de ser uma *construção discursiva* calcada em elementos que lhe conferem *visibilidade e dizibilidade*.

¹⁷ A Escola Normal foi fundada neste mesmo ano, destinada aos filhos das famílias mais bem abastadas da região oeste potiguar.

¹⁸ Raimundo Nunes era médico oftalmologista, escritor e conterrâneo de Raimundo Nonato, responsável por apresentar a segunda edição de *Memórias de um retirante*, em 1987.

¹⁹ Dedicatórias, apresentações e agradecimentos são espaços reveladores para se pensar as relações entre esses indivíduos de letras, pois a partir destes é possível imaginar as sociabilidades estabelecidas entre eles, como ocorre com este exemplo da apresentação de um dos mais importantes livros de Raimundo Nonato, feita por seu amigo Raimundo Nunes.

quais jogava “pelada de rua” e se viu como o único sujeito analfabeto daquele meio. Como conta Raimundo Nunes na apresentação de *Memórias de um retirante*, “a convivência com a meninada de ponta de rua, deixara sulcos profundos, na alma do adolescente duramente analfabeto, aos 13 anos de idade” (NONATO, 1987, p. 8). Teria sido esses primeiros laços de sociabilidades estabelecidos com esses moleques, responsáveis por impulsionar seu desejo por alfabetizar-se, considerando que “[...] no aglomerado heterogêneo de pequenos companheiros, ele se familiarizava com representantes incipientes de todas as condições sociais”,²⁰ numa espécie de socialização a céu aberto (NONATO, 1987, p. 9). Como discorre Raimundo Nunes, a seguir:

Nesse ambiente sem fronteiras e sem exigência de requisitos, para participação dos quadros de uma sociedade, sem diretriz e sem programa, é que Raimundo Nonato teria ensaiado os primeiros contactos, com os garotos alfabetizados da cidade. E, no vasto aglomerado que freqüentava a bodega de João Caetano e outros pontos de reunião vagabunda, ainda era ele, o único sujeito analfabeto. A turbulência do futebol de rua identificara sua conduta, com meninos de origens diversas. Daí, a possível influência, na procura de uma escola. E o esporte, modernamente, detestado pelos pais e educadores, como fator de desajustamento da juventude, consumindo tempo e desviando conduta, foi o caminho desconhecido que o conduziria, ao mundo das letras. [...] A história correria toda a cidade. Engraxate aprovado com notas boas, no exame de admissão da Escola Normal. Lá estava Raimundo Nonato, numa convivência, ocasionalmente, selecionada com a juventude favorecida pela tradição de família e conservantismo de preconceitos (NONATO, 1987, p. 9-10).

Entende-se aqui, que as redes de sociabilidades são responsáveis pela integração entre grupos e sujeitos, nas quais estabelecem suas diferenças, demarcam seu poder e atribuem sentido aos seus integrantes. E, por meio desse enlaçamento entre os vínculos de sociabilidades e os simbolismos presentes neles, é possível obter-se um maior entendimento quanto à vida social e os dispositivos utilizados para a demarcação do poder dos grupos, uma vez que se entende que as redes de sociabilidades dadas em uma sociedade, são reflexos de estratégias, muitas vezes, desempenhadas por instituições presentes nas próprias estruturas sociais. Como bem assegura Elias:

A fim de entender estruturas e processos sociais, nunca é suficiente estudar um único estrato funcional no campo social. Para serem realmente entendidas, essas estruturas e processos exigem um estudo das relações entre os diferentes estratos funcionais que convivem juntos no campo social e que, com a mais rápida ou mais lenta mudança nas relações de poder provocada por uma estrutura específica desse campo, são no curso do tempo reproduzidas sucessivas vezes (ELIAS, 1993, p. 239).

²⁰ É interessante pensar aqui como a narrativa memorialística ganha contornos biográficos e parece buscar antecipar um começo mítico para o menino analfabeto que se entristecia e envergonhava perante os colegas por ser único a não dominar as letras; mas que daria a volta por cima e tornar-se-ia uma referência para quem, até então, devido o lugar social que ocupava, dificilmente frequentaria e construiria as redes de sociabilidades que o Nonato construiu.

Sendo assim, o estudo da sociedade na qual Nonato se inseria constitui-se como um dos elementos essenciais na discussão acerca de sua produção historiográfica, visto que falamos de uma estrutura organizacional, cujas atuações demonstravam-se de diversas formas, sob inter-relacionamentos e entrelaçamentos sociais que não costumam atuar individualmente. Cabe ponderar que estas relações estão assentadas na formação de uma sociedade e não podem ser consideradas como homogêneas em razão dos complexos vínculos sociais instados entre os indivíduos coletivamente, ainda que possam ser ditas hegemônicas.

No caso de Nonato essa interdependência se deu, sobretudo, no campo das ideias, pois a rede de sociabilidade que constituiu era composta por intelectuais com os quais trocava informações cotidianas e diversos tipos de materiais. Na correspondência abaixo, é possível verificar visivelmente essa troca de informações sobre o cotidiano e contexto social, bem como a troca de materiais, nesse caso específico, exemplares de Jornais:

[...] deixo de parte nada menos de 10 cartas chegadas hoje²¹: ouça os nomes: José Augusto, Vicente de Almeida (2), Cosme Lemos, Walter Wanderley, um monte, José Dantas, de Brasília, Enélio Petrovich, EL Manuel Rodrigues, e até esse negroide sem compostura, o Leonardo, a melhor peça de carro de boi desse planeta... Veja só, homem de Deus, por não falar num manifesto de bordo que Gumercindo Saraiva me remete, com a mercadoria do vapor TIBAGI, consignada ao Porto de Areia Branca.²²

[...] Raimundo, um forte abraço: Estou lhe mandando 10 exemplares da edição do dia 17 (Centenário) para o amigo distribuir com os nossos aí. Não esqueça Rufino e o velho Tenório, inclusive para algum jornal que, publicando algo sobre o acontecimento você recorte e me envie para divulgar oportunamente. O dia aqui foi cheio. Pela manhã missa na catedral celebrada pelo Bispo, seguindo-se durante todo o dia um churrasco no Pica-Pau. Muita gente e muita cana. À noite um banquete no Esperança Palace Hotel. O reitor me fez entrega da Medalha da Abolição e um diploma para O Mossoroense, falando Maia Pinto, João Batista, Jeremias da Escóssia que em nome do Lions entregou prêmio ao vencedor do concurso sobre o jornal a um estudante, este e eu em agradecimento.²³ [...] Estou sempre recebendo seus bons escritos. Têm agradado bastante. Você parece que tem muitos fãs na cidade e na redondeza. Que tal?²⁴

²¹Neste trecho missivo é possível refletirmos quanto à intensa rede de comunicação e sociabilidade estabelecida por Nonato através da correspondência epistolar, uma vez que a mesma se fazia com diversos interlocutores, a ponto de receber 10 cartas em um único dia. Daí, a importância da análise dessas correspondências com o intuito de perceber o teor sociocultural presente nas relações estabelecidas através de suas epístolas. O trecho final dessa carta, por exemplo, no qual ele afirma que teria recebido “mercadoria do vapor TIBAGI, consignada ao Porto de Areia Branca” evidencia a constante troca de materiais e documentações entre esses missivistas.

²²Carta enviada por Raimundo Nonato a José Augusto Rodrigues, de 13 de agosto de 1973, Rio de Janeiro.

²³ Nota-se aqui, que a vida social de sujeitos como Nonato se fazia marcada por cerimônias e premiações, tanto no que diz respeito às suas produções literárias independentes, quanto às publicações feitas em jornais aos quais eram vinculados. Na presente cerimônia, por exemplo, Nonato recebeu premiação por sua produção literária acerca da Abolição da escravatura na cidade de Mossoró, bem como em nome do jornal Mossoroense, para o qual escrevia constantes artigos e notas.

²⁴Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 18 de outubro de 1972, Mossoró.

A descrição dos nomes que adensado e costurado a teia das sociabilidades; a intensa rede de troca de impressões e apropriações dentro desse grupo se materializava de várias maneiras. No entanto, a exteriorização de suas relações se consolida de modo mais concreto, em discussões, pensamentos e julgamentos encontrados em suas próprias obras. Essa exteriorização se faz evidente quando estes passam a citar e divulgar um a obra do outro; quando utilizam suas próprias obras como meio de legitimar a obra do outro, sempre estabelecendo ligação ao referido intelectual. Essas práticas são maneiras de fortalecer os laços entre grupos que compartilham de ideais comuns, de percepções e leituras do mundo bem aproximadas, numa espécie de legitimação de pensamento e formação de uma opinião publicada convergente que legitima determinadas práticas escriturárias.

Leio tudo quanto se diz sobre Mossoró. Portanto, leio Raimundo Nonato e o outro – Raimundo Nunes – dois Raimundos que são, sem trocadilho, reis do mundo em que vivem e viverão sempre. Nonato tem por si uma inquietação criadora. Quem escreveu a História Social da Escravidão, disse tudo sobre o grande episódio que Nabuco ignorou. Mas aí está Nonato para dizer, como outros disseram, desse grande pioneirismo histórico mossoroense – uma página que, ainda hoje há mais de um século, nos sacode o patriotismo e o orgulho (Jornal do Comércio – 16.08.1986).²⁵

É possível observar através das epístolas, a maneira como estes homens reportam-se a si mesmos e evidenciam a total consciência no desenvolvimento de suas narrativas, as quais muitas vezes, são compostas por temas acertados em comum acordo com o grupo, produzidos com o intuito de promulgar as ideias construídas em seu próprio seio. É perceptível através das cartas que boa parte de suas produções são empreendidas com o intuito de tornar-se fonte sobre a época a qual se reportam, sendo possível afirmar que havia uma real intenção de memória através de suas escritas. No trecho que segue pode ser observado o modo como eles construam narrações de si, levando em conta os laços e vínculos afetivos estabelecidos entre eles:

[...] Li, hoje, surpreso, no O MOSSOROENSE, o meu perfil, de sua brilhante pena. Fiquei meio airoso até, andando mais apumado, isto no que tange ao físico. Só não fiquei besta com medo de ficar feio... Passei-lhe, logo depois da leitura, aqui no escritório, nesta tarde de maio, o seguinte telegrama: DE UM JOSÉ DESPRETENCIOSO, AUGUSTO VULGAR RODRIGUES PLEBEU SUA GENEROSIDADE FEZ UM REQUINTADO PATRÍCIO PT A VIDA SEM AMIZADE NÃO TEM SENTIDO PT TAMBÉM PELAS REFERÊNCIAS MEU

²⁵ Matéria escrita por Nilo Pereira, escritor norte-rio-grandense do Ceará Mirim, com intensa produção literária e jornalística nos meios culturais do Recife. Assumiu a vaga deixada por Gilberto Freyre na presidência do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco.

SAUDOSO PAI RECEBA CORDIAL ABRAÇO AGRADECIMENTO SEU VELHO AMIGO ZÉ DE CHICOPEREGRINO. ²⁶

A questão dos escritos produzidos por eles sobre eles mesmos e o parecer dado entre si sobre suas próprias escritas, também é corrente nas cartas. É curioso notar que, muitas vezes, o conteúdo produzido por eles não condiz com o que o grupo espera que fosse escrito e estes passam a reajustá-los ao verdadeiro fim pretendido, como ocorre com a sugestão dada por José Augusto Rodrigues a Raimundo Nonato no trecho seguinte:

[...] Raimundo: li seu trabalho sobre Raul Caldas. Você escreveu pouco sobre esse gigante mental, repositório de inteligência, cultura e talento que dá material para um estudo opulento. É preciso biografá-lo como ele bem merece. Seu trabalho vale como o despertar das mentalidades – seus contemporâneos – para retirá-lo do silêncio tumular e projetá-lo em toda a sua grandeza. Volte à carga, ajudado pela sua reconhecida e proclamada inteligência. Faça mais esse serviço em favor das letras da província. O testemunho de Raimundo Gurgel é válido, mas diz muito pouco sobre quem merece muito. Falou o amigo do dia-a-dia, sem ressaltar-lhe, por motivos óbvios, a luminosidade de um cérebro privilegiado, como era o de Raul. ²⁷

Aqui, se observa também, a necessidade de uma descrição bem acabada dos sujeitos que compunham a rede, o que evidencia o intuito de legar determinadas leituras e impressões de si, e em concomitância do grupo, à posteridade. Por isso, há necessidade de se produzir uma escrita que biografasse com a fidelidade e o compromisso desejados, a trajetória de vida do sujeito descrito.

No conteúdo da carta a seguir, percebemos outro exemplo de como se dava a prática escriturária desempenhada por estes intelectuais. Imbuída por interesses convenientes aos membros do próprio grupo, de modo que os objetos de escrita eram selecionados numa espécie de “encomenda” por seus membros, num “desejo [de] fazer um caderno exclusivamente sobre o Jeremias, meu avô”, neste caso específico, Lauro da Escóssia escolhe os pontos a serem destacados no decorrer da escrita que ele próprio sugere, denotando o aspecto seletivo da memória a ser destacada e privilegiada sobre o indivíduo em questão.

[...] No dia 29 de junho de 1981 (este ano), o centenário de morte de Jeremias da Rocha Nogueira, pai da imprensa mossoroense. [...] Quero que você faça um artigo sobre Jeremias e me mande, pois desejo fazer um caderno exclusivamente sobre o Jeremias, meu avô, filho de Ana Florentino, focalizando-o como jornalista, poeta, orador que foi da Loja '24 de junho' (o primeiro), e como advogado de Jesuíno Brilhante. Faça para mim o artigo, o que muito agradeço. ²⁸

²⁶ Carta de José Augusto Rodrigues, de 10 de maio de 1974, Natal.

²⁷ Carta enviada por José Augusto Rodrigues, de 18 de abril de 1974, Natal.

²⁸ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 06 de maio de 1981, Mossoró.

Em outra carta, desta vez enviada pelo historiador potiguar Câmara Cascudo, a Raimundo Nonato, destaca-se mais uma vez o caráter seletivo da escrita desses intelectuais. Além da consciente escolha do objeto de escrita, eles selecionavam quem seria mais qualificado entre eles para escrever sobre determinado assunto. Aqui Cascudo escreve:

NONATO, estrondo no Pé da Serra. Nossa amizade, pela intensidade e fundura, já não mais comporta constrangimentos e silêncios opressivos como peido incausado. V. abra dos peitos e diga se tem bagagem e disposição para fazer umas 10 páginas com a SUPERSTIÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE. Entre nós dois recusar a lapada de whisky não quer dizer que deixou de beber. Bote a mão no peito e faça confissão de ladrão de galinha, infalível nas reincidências e useiro no arrependimento na delegacia de polícia. Entendeu, Macabeu? Um abraço deste seu velho Luis da Serra de João do Vale.²⁹

Em quase todas as cartas, observamos a socialização dos últimos acontecimentos sobre o seu lugar de escrita, dos quais, Nonato se fazia distante, mas que por meio de suas páginas, mantinha-se informado quanto aos aspectos da vida cotidiana alheios à sua vivência. Esse aspecto é bastante comum na escrita desses missivistas. Algo muito recorrente também é a troca de favores em termos de informações sobre pessoas que estão distantes ou mesmo as que já faleceram, bem como a troca de materiais como livros, jornais, escritos, etc. Como pode ser observado, a seguir:

[...] Quando estive em Natal bati um papo com Manuel Rodrigues e Carlos Borges, oportunidade essa em que foi sugerida minha apresentação para sócio do Instituto Histórico, ideia esta partida do Manuel Rodrigues, o que agradei desvanecido. [...] As demais novidades são de rotina. Calçamento em nada menos de seis ruas do bairro Santa Luzia, João Newton trabalhando muito e sendo lembrado para vice-governador na eventualidade de se concretizar entendimento entre Aluizio e Rosado; [...] Santa Dias como sempre naquele aperreio de escrever para você e me dando suas notícias. Chico Boi cada vez mais ladrão no mercado e roubando o povo no jogo do bicho (agora quer pagar a cobra a Cr\$ 15,00).³⁰

Raimundo, jagunço das malocas do beato Zé Lourenço, vai meu grande abraço. Tô de posse de sua carta a respeito do fotógrafo João Alves de Melo, pardavasco a que conheci aqui e em Natal, bem assim à esposa, d. Guiomar Aires. Vou ficar no encalço para saber a que família pertence a cara metade do Alves. Logo você saberá. [...] Tomei posse no Instituto Histórico e Geográfico do Estado, numa festa bem concorrida, que me impressionou.³¹

Nonato, cabra danado que quer acabar todo estoque de papel do mundo somente fazendo livros, meu velho colega e amigo, um abraço daqueles bem apertado que faça a merda descer no arrocho... Tudo quanto você tem me mandado, cartas e jornais, tenho recebido e muito agradeço. Seus pedidos vão em parte respondidos aqui. Guiomar Aires, casada com o fotógrafo João Alves, de Natal, só não é parente do velho Terto Aires. Estou procurando saber dos Aires do cego Murílio Aires. Infelizmente não encontrei até agora nenhuma pessoa da grei de Joãozinho de Zuza.

²⁹ Carta enviada por Câmara Cascudo, de 06 de novembro de 1976, Natal.

³⁰ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 18 de agosto de 1980, Mossoró.

³¹ Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 24 de abril de 1981, Mossoró.

O tal Dr. Antonio Soares que você fala como Juiz do Casamento, seria o desembargador ou o Dr. Soares Junior?³²

É notável, portanto, a intensa comunicação que eles estabeleciam entre si. As cartas aqui apresentadas são demonstrações de uma intensa rede comunicacional que se dava frequentemente entre esses homens, pensadas e compreendidas aqui como elementos constituintes das redes de sociabilidades ensejadas entre eles. Os motivos da escrita variavam bastante, mas é comum se notar que muitas vezes, não se referiam somente aos missivistas em questão, mas abarcavam também o círculo social do qual faziam parte, configurando-se como uma verdadeira rede de sociabilidade, que constituía suas teias, em larga medida, através do pacto epistolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura das correspondências desses intelectuais, é possível inferir que seus escritos são condicionados por um *nós* implícito em suas obras. Trata-se de afirmações e concepções realmente plurais, carregadas pela presença daqueles que se apropriaram e contribuíram para fomentar esta ou aquela ideia presente em suas obras. Mesmo que, muitas vezes, isso ocorra implicitamente sem que haja citação de nomes ou mesmo quando nem eles próprios tenham convicção declarada disto.

A ligação que os une se dá através de uma simbiose de ideias comuns, que os levam a aproximar-se tanto profissionalmente e intelectualmente, quanto afetivamente, de forma que acabam por refletir toda uma cumplicidade de ideias em suas próprias escritas, sejam elas obras literárias ou epístolas.

As considerações do próprio Nonato a respeito da prática do exercício epistolar são âncora e matéria interessante no sentido de se problematizar e no desafio de se compreender as tantas nuances que carrega a prática escriturária dos missivistas:

Observada num ângulo estritamente cultural, a carta ainda é, aparentemente, um gênero literário de pouca divulgação. [...] daí, talvez, a razão do *notável silêncio* que cai sobre o destino da correspondência, afastando do conhecimento público o teor das mensagens trocadas entre amigos, por vezes, separados pela distância e pelo tempo. [...] Não foram elas, porventura, também, em todas as idades do homem, aqueles excelentes instrumentos de intercâmbio, de interrelacionamento das ideias e do pensamento mantidos entre pessoas, pelo tempo a fora, ao influxo desse admirável código ideográfico? De tudo, o que se evidencia é que as cartas vivem... (NONATO, 1991, p. 61-62).

³²Carta enviada por Lauro da Escóssia, de 06 de maio de 1981, Mossoró.

Nonato evidencia seu apreço pela prática epistolar e ratifica a presente discussão, ao concebê-la como “instrumentos de intercâmbios, de *interrelacionamentos* das ideias e do pensamento mantidos entre pessoas”, e, portanto, mecanismos capazes de construir laços de sociabilidades entre os sujeitos envoltos no pacto epistolar. São laços criados por ele ou em função dele, os quais nos levam a inferir que esses laços que se fazem tão latentes nas correspondências de Nonato que se configuravam, sobretudo, como laços pertencentes a uma rede de sociabilidade que vai muito além do exercício epistolar, sendo este exercício, uma das maneiras encontradas por esses sujeitos de tornar presente o que se fazia ausente.

A publicação de algumas dessas missivas, pela finalidade particular e privada que envolve a correspondência escrita de cunho e interesse pessoais é um dos indicativos de legitimação do próprio lugar de fala, dispositivo do qual parece lançar Raimundo Nonato e seus contemporâneos de correspondência.

A publicidade dos conteúdos e destinatários dessas missivas traz à cena pública os sujeitos com os quais em determinado lugar e época se estabeleceu diálogos, e dar a conhecer as redes de sociabilidades que legitimaram a ocupação de determinados lugares, algo que por seu turno habilitou os sujeitos envolvidos na trama a tomarem parte nas relações de poder envoltas nesse processo.

Ao trazer à tona o conteúdo de parte das cartas que recebia, Nonato se apresentava e credenciava a abordagem de determinados assuntos, a tratar de temas que ponderava relevantes, a informar a respeito de eventos e personalidades que tinha em conta como importantes. Constituía-se, de tal maneira, como referência nesses campos para aqueles com quem construiu redes de sociabilidades, tanto em Mossoró; nas querelas e disputas locais, notadamente em torno da seleção de memórias a serem legadas às gerações futuras; quanto fora dessa circunscrição espacial, o que acaba por reforçar também o seu lugar de fala, conferindo legitimidade e legibilidade a sua cursiva.

FONTES

BRITO Raimundo Soares de. **Apostila do afeto: Câmara Cascudo (cartas a Raimundo Nonato) 1972-1979.** ESAM/FGD, 1986.

RODRIGUES, José Augusto, (org.). **Raimundo Nonato, o homem e o memorialista.** ESAM/FGD, 1987.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRITO, Raimundo Soares de. **Raimundo Nonato ano 80.** Coleção Mossoroense, vol. CDIV, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre: UFRGS, 2002.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Tradução, Pedro Süsskind; prefácio, Roger Chartier. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização.** Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert, & SCOTSON, Jonh, **Os estabelecidos e os outsiders.** Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950.** Porto Alegre, 2009.

IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade.** Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Fevereiro/2004.

GOMES, Angela Castro. **Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo.** In: GOMES, A.C. (org.). *Escrita de si, escrita da História.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

NONATO, Raimundo. **A Janela do Tempo Memórias de Remotos dias – Col. Mossoroense, série C, vol. DCCXXXII,** 1991.

_____. **Memórias de um Retirante** - *Minhas Memórias do Oeste Potiguar*. 2ª edição - Coleção Mossoroense, 1987.

OLSON, D. R. *A escrita como atividade metalinguística*. In: **Cultura escrita e oralidade**.

_____.; TORRANCE, N. (orgs). São Paulo: Ática, 1997.

VILLELA, Lúcia Jordão. **Saber Viver**. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant, 1967.

Artigo recebido em março de 2015. Aprovado em julho de 2015.